

UMA REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS CÔMICOS A PARTIR D'AS *NUVENS* DE ARISTÓFANES

Andreza Junia Ferreira Palhares

Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Minas Gerais

andrezajuf@hotmail.com

RESUMO: O objetivo deste trabalho é refletir sobre o teatro contemporâneo tendo como subsídio o teatro antigo. Para isso será analisada a construção feita por Aristófanes dos principais personagens da peça *As nuvens* (423 a.C.). O primeiro a ser estudado é Estrepsíades, um agricultor astuto, que preconiza a figura do matuto esperto, recorrente na Literatura Brasileira; o segundo é o personagem Sócrates, estereótipo do intelectual aéreo e distraído. Aristófanes utiliza uma construção cômica modelar nos personagens em questão, proporcionado ao público contemporâneo uma valiosa contribuição para se pensar no caminho que a comédia trilhou desde Antiguidade Clássica até nossos dias.

Palavras-chave: Comédia, construção, personagens.

Por ser uma arte que permanece há tantos séculos, o teatro desperta a curiosidade acerca de seus primórdios, existindo várias conjecturas e teorias sobre o surgimento da tragédia e da comédia. Como seria a construção dos personagens cômicos antigos? O que dessa construção permanece em nossos dias? São alguns dos questionamentos daqueles que se dedicam à musa cômica. Muitos são os recursos utilizados na Antiguidade Clássica que ainda hoje vigoram, afinal o teatro é uma arte híbrida que

carrega consigo as marcas da tradição mescladas a traços do contemporâneo. Um exemplo disso é a constituição dos tipos cômicos como a figura do roceiro astuto, recorrente no primeiro comediógrafo a que temos acesso na cultura ocidental, Aristófanes, e abundante ainda nas peças teatrais de hoje, bem como no cinema, arte que bebeu avidamente do teatro. Quem não recorda da figura célebre de Mazzaropi ou de algum outro matuto astuto de nossa tradição cinematográfica ou teatral?

Assim, o objetivo deste texto é fazer uso do bem cultural herdado de Aristófanes para se pensar nos principais recursos cômicos que foram e ainda são utilizados na confecção de personagens cômicos. Com esse objetivo, será analisada a construção que o comediógrafo faz dos seus personagens Estrepsíades e Sócrates em sua peça *As nuvens* escrita em 423 a.C..

Antes da análise dos personagens, é importante salientar que a Comédia Antiga, além de construir “tipos cômicos”, apresenta personagens não universais, como os que são caricaturas de pessoas que viveram em Atenas em um momento específico. A obra de Aristófanes põe em cena nomes de figuras eminentes da Grécia antiga como o de políticos (Cleão e Lâmaco), pensadores (Sócrates) e poetas (Eurípides e Ésquilo). A referência a essas personalidades, bem como o diálogo com a mitologia, a história e o teatro, não constituía um problema para a platéia de Aristófanes. No entanto, para nós, leitores de outras gerações, a percepção de tais referências não é assim tão simples, ainda que seja fundamental para a compreensão da comédia. Todavia, vale à pena saltar esse obstáculo em prol de um maior entendimento da história da comicidade e a fim de entender os recursos que o comediógrafo, que permanece por séculos em nossa tradição, utilizou ao compor seus personagens.

Por causa de alusões a fatos antigos, muitos têm visto na obra aristofânica um espelho da vida ateniense. No entanto, devemos ter em mente que a comédia não pretende fazer um relato fidedigno de sua época. Pelo contrário, como afirma Bergson (1992), um dos principais mecanismos do riso é a distorção, como o exagero e a degradação presentes nos personagens aristofânicos.

É comum na obra do autor a presença de heróis cômicos que são homens do campo, como Diceópolis n' *Os Acarnenses* e Trigeu n' *A paz*. Embora seja também um agricultor, Estrepsíades difere dos personagens citados por não possuir um projeto nobre no qual será bem sucedido. Trigeu deseja libertar a deusa Paz que se encontra agrilhoada e enfrenta vários reveses até lograr êxito em sua empreitada. Assim como Trigeu, Diceópolis é um defensor da paz e faz de tudo para consegui-la. No final da peça, os esforços deste são compensados e a trégua restaurada. Estrepsíades, por sua vez, está longe de ter um objetivo honrado. A fim de fugir dos credores, ele procura um meio de enganá-los e, para isso deseja que seu filho aprenda o argumento injusto com Sócrates, do que se arrependerá amargamente. Esse final atípico d' *As nuvens* é algo que inquieta os comentadores e que provavelmente teria causado estranhamento aos espectadores. Para a platéia acostumada com um *happy end*, a comédia em questão provoca uma recepção negativa, sendo talvez este um dos motivos por que a peça não tenha ganhado o concurso cômico a que concorria. Mas, como afirma Rosemary Harriot (1986, p.167) ao comentar o final d' *As nuvens*: "em contrapartida, existem vantagens em evitar o óbvio e o maçante".

As várias peças nas quais os camponeses aparecem demonstram a importância desses no seio da sociedade ateniense contemporânea a Aristófanes. Eles representam o povo, e ninguém melhor que eles, que foram tão prejudicados pela guerra, para

reivindicar a paz. E é exatamente isto que ocorre n' *Os Acarnenses*, comédia que antecede *As nuvens*. A platéia que assistiu à primeira peça é levada, ao ver o monólogo inicial d' *As nuvens*, a acreditar que se trata de mais uma comédia sobre um roceiro que tentará instaurar a paz. Tal impressão começa a ser quebrada no verso sete, quando Estrepsíades amaldiçoa a guerra não por algum dos seus malefícios, mas por não poder espancar os escravos. Aristófanes n' *As nuvens* traz uma temática comum nos dias de hoje, mas diferente para sua época: a relação do homem do campo com as novidades que a cidade apresenta. Isto, de certa forma, prova o que o poeta afirma na própria peça: estar inovando e trazendo novos temas. A imprevisibilidade é uma das maiores armas da comédia ainda hoje, recurso usado de forma lúdica e recorrente por Aristófanes.

A maioria das peças do comediógrafo antigo começa com um diálogo, no qual é introduzido o problema que gerará a trama, como ocorre n' *Os Cavaleiros*, n' *As Vespas*, n' *A Paz*, n' *As Aves*, n' *As mulheres que celebram as Tesmofórias* e n' *As Rãs*. Algumas vezes ocorre ainda o uso de um monólogo reflexivo no qual o personagem irá introduzir o assunto, como em *Lisístrata*, n' *A assembléia de mulheres*, em *Pluto*, n' *Os Acarnenses* e n' *As nuvens*. Nesta última, um longo monólogo é feito pelo personagem Estrepsíades, que irá contar seu passado feliz e como contraiu a dívida que não o deixa dormir. Todo o desenrolar da peça terá como eixo Estrepsíades, daí a importância de compreender bem esse personagem, principalmente os recursos cômicos que o comediógrafo utiliza para construí-lo.

O nome Estrepsíades, da mesma forma que Diceópolis, é motivado e possui uma estreita relação com o enredo. Diceópolis é formado pelo termo *diké*, justiça e *pólis*, cidade. Na trama da peça, percebemos o uso lúdico do nome, já que o personagem procura uma “cidade justa”. Maria de Fátima Sousa e Silva (1980, p.11) traduz

Diceópolis como “cidadão reto”, leitura possível, na medida em que o próprio personagem se define, no verso 495, como um “cidadão útil”. O termo Estrepsíades, por sua vez, vem do verbo *stréphein* que significa: voltar, enrolar, urdir uma trama, meditar, virar, mudar, retornar. Vemos na peça que Estrepsíades:

- 1- anda de um lado para o outro, preocupado com suas dívidas;
- 2- medita a noite inteira e rola na cama sem dormir;
- 3- vira-se para uma solução que a cidade oferece, o ensino dos sofistas;
- 4- urde um plano para que seu filho aprenda o argumento injusto;
- 5- tenta "enrolar" os credores com meia dúzia de coisas que aprendeu no

Pensatório, “a escola socrática”;

6- arrepende-se amargamente de ter se virado contra a justiça e procura retornar para os deuses tradicionais.

O poeta usa para a construção do agricultor um recurso cômico muito freqüente: a inversão, encontrada no nome do personagem e manifesta em suas ações. Um exemplo disso ocorre nos versos 68-71, em que Estrepsíades, ao narrar o nascimento de Fidípides, reproduz a fala da sua esposa que predizia o futuro do recém-nascido. Ele se apropria do discurso de sua mulher, repete sua estrutura, mas inverte seu conteúdo para exprimir sua vontade, a de que o bebê fosse não um homem da cidade, mas do campo (vv. 68-72):

E ela, pegando o filho, o paparicava :

"Quando você for grande, conduzirá os carros de guerra para a cidade, como Mégacles, tendo uma túnica de vencedor". E eu dizia:

“Quando então você for grande, conduzirá as cabras do Feleu, como seu pai, vestido de couro.” (Tradução nossa)

Mas não é só da fala da esposa que Estrepsíades se apropria para depois revirá-la. Ele faz o mesmo com aquilo que Fidípides pronuncia dormindo (vv. 27, 28, 32 e 33) e, em vários trechos da peça, utiliza o jargão de cavalaria ouvido do filho, como os termos *koppatías* e *samphóras* (tipos de cavalos marcados respectivamente com as letras *kóppa* e *san*). Ele repete ainda, de forma distorcida e descontextualizada, tanto a linguagem de Sócrates e seus discípulos, quanto as poucas lições que aprendeu no Pensatório, nome dado por Aristófanes a escola de Sócrates na peça em questão.

Além de compor as ações e a etimologia do nome de Estrepsíades, o verbo *stréphein* e seus derivados aparecem várias vezes n' *As nuvens*. É curioso notar que estão, na maior parte das vezes, justamente na fala de Estrepsíades ou referindo-se a ele, como se pode constatar da relação a seguir:

a) No verso 36, Fidípides pergunta ao pai o porquê de estar descontente e se "mexer" (*stréphein*) a noite toda, acordando-o. É engenhosa a resposta de Estrepsíades, ao mostrar ao filho que ele também deveria preocupar-se; afinal, sua boa vida de cavaleiro (*playboy*) poderia mudar quando todas as dívidas contraídas se voltassem (*stréphein*) sobre cabeça do jovem (vv. 47-48):

Fid. Deixa, ó criatura, que eu cochile um pouco!

Estr. Então durma, mas saiba que todas essas dívidas se voltarão (*strépsetai*) contra a sua cabeça.

b) Quando tenta convencer o filho a ir aprender no Pensatório, no verso 88, Estrepsíades exorta-o a mudar seu modo de vida. Para isso, usa o verbo *ekstréphein* no imperativo.

c) No verso 131, Estrepsíades usa um verbo do mesmo campo semântico de *stréphein*, *stranguéuomai*, que significa "fazer rodeios, dar voltas". Ele exorta a si

mesmo a ter coragem e a entrar no Pensatório: "Vamos! O que eu tenho que fico rodeando (*stranguéuomai*)?"

d) A fala de Estrepsíades, ao descrever o caráter das deusas nuvens (do verso 333 em diante), é, segundo Gilda Starzynski, uma paródia da lírica, de cujo vocabulário ele recupera o epíteto *streptaiglân*, “de esplendor tortuoso” (ARISTÓFANES, 1967, nota 99).

e) Ao receber das deusas nuvens a promessa de obter o que quisesse, no verso 433, Estrepsíades responde não desejar muito, mas “apenas” poder revirar a justiça, *strephodikésai*, termo composto por *stréphein* e *diké*.

f) Estrepsíades usa outro derivado de *stréphein* depois que Sócrates perde a paciência e o xinga de "o mais lerdo dos velhotes". Trata-se do verbo *glottostropheîn*, composto de *glotta* (língua) e *stréphein*, com o significado de “revirar a língua, falar de modo engenhoso”. Assim, Estrepsíades lamenta sua sorte, dizendo que nunca aprenderia a falar difícil, a “retorcer a língua” (*glottostropheîn*).

Além de aparecer na fala de Estrepsíades, o termo *stréphein* aparece na fala do coro, no verso 1455, se referindo ao personagem. As nuvens repreendem-no por ele ter se virado para as más ações. O verbo *stréphein* está presente também na fala de Sócrates quando este se refere a Estrepsíades. Na tentativa de ensinar o agricultor, o mestre lhe pergunta como ele "se viraria" (*apostrépsai*) em relação a um processo. Nessa pergunta, Sócrates usa o infinitivo aoristo de *apostréphein* que significa voltar, desviar, ou como dizemos coloquialmente, "se virar". *Stréphein* aparece na peça sem estar relacionado a Estrepsíades na parábase, na fala do poeta (através do *khorodidáskalos*), quando afirma que Êupolis havia estropiado seus *Cavaleiros* maldosamente.

Apesar de Estrepsíades ser um nome comum na Grécia, o que o torna especial na peça é o uso lúdico que o comediógrafo faz dos termos que o compõem. Como demonstram os teóricos do cômico, o riso não vem só da degradação, mas principalmente do uso lúdico da linguagem, incluindo o jogo de palavras, o trocadilho, a inversão, o que propicia efeitos cômicos integrantes do nosso dia-a-dia, como o trava-língua e as piadas em que se pergunta "o que é o que é". Na literatura, isso ocorre de forma ainda mais intensa e consciente, devendo o leitor de comédia estar sempre atento para os usos a que a linguagem é submetida.

Além da inversão, patente no personagem Estrepsíades, outro recurso muito usado é o que Propp (1992) chama de "malogro da vontade". Desde o começo da peça, o desajeitado Estrepsíades é malogrado em suas ações: em seu casamento, na educação do filho (em sua vontade de que este seja um camponês), na tentativa de aprender no Pensatório (ele é expulso por Sócrates por causa de sua lerdeza). Nosso herói malogrado tenta o tempo todo convencer aos outros, no que sempre falha, por isso decide ir procurar um especialista da persuasão: Sócrates.

Os recursos amadores de persuasão que Estrepsíades usa com seu filho, ao tentar convencê-lo a frequentar o Pensatório, são corriqueiros. O diálogo é surpreendentemente atual em quase nada diferindo de uma discussão de pai e filho de nossos dias. A primeira tentativa do agricultor é de bajular o filho, e, para acordá-lo de forma amena, ele o chama de Fidipidizinho (*Feidipídion*), usando o diminutivo, um recurso cômico largamente apontado pelos teóricos do riso. No *Tractatus Coislinianus* o termo grego usado é *hypokórisma*, que significa tanto "diminutivo" como "uma expressão adocicada" (JANKO, 1987). O diminutivo é muitas vezes usado por

Estrepsíades com o intuito de bajular, como quando se refere a Sócrates por Socratezinho (*Sokratídion*).

Quando Estrepsíades não consegue o desejado através da bajulação, parte para a chantagem sentimental, pergunta ao filho se ele o ama (v. 83) e o faz jurar que fará o que lhe pedir. Com a recusa, passa da chantagem sentimental para a súplica e da súplica para a ameaça de expulsá-lo de casa. Estrepsíades não consegue convencer ao filho, assim como sai perdendo nas discussões com a esposa, que consegue não só colocar o termo *híppos* no nome de Fidípides (termo *status* para aristocracia grega antiga), como fazer do menino um cavaleiro. Nem os escravos obedecem ao agricultor, questionando as suas atitudes (v. 58). É necessário usar de chantagem sentimental até mesmo com os criados para convencê-los a obedecerem a suas ordens absurdas. É o que ele faz para encorajar Xântias a subir no Pensatório e destruir seu teto (vv.187):

E depois, se você ama seu senhor,
suba no pensatório e destrua o teto
até que você lance a casa em cima deles.

Estrepsíades é uma vítima perfeita para os sofistas. Ele não tem o preconceito que a maioria dos membros da classe alta nutria contra "os amarementos e pés descalços" (como Fidípides chama aos sofistas), além de ser dono de certo patrimônio. O protagonista representa um tipo até hoje muito explorado em nossa literatura: o roceiro simples enganado pelas falsas promessas da vida na cidade grande e de dinheiro fácil. O *Tractatus Coislinianus* considera fonte de riso o fato de que alguém, tendo o poder de escolher o melhor, pega o pior, e é exatamente o que faz Estrepsíades (JANKO, 1987).

Sócrates difere dos demais personagens da peça por vários motivos. Em primeiro lugar, não se trata de um tipo cômico ou de um personagem meramente inventado, mas baseia-se em alguém que realmente existiu, ainda que sua caracterização e vida sejam

para nós complexas. Conforme se sabe, Sócrates não deixou nada escrito e quem mais escreveu sobre ele e sobre sua filosofia foi seu discípulo Platão, que não faz um relato fidedigno, mas transforma o mestre em personagem. Assim, é difícil analisarmos claramente quais teriam sido os recursos cômicos usados por Aristófanes, como por exemplo, o que ele caricaturiza ou degrada na figura do pensador. Além desse aspecto, há o fato de que, em razão da tradição platônica, Sócrates é visto hoje de uma forma idealizada, como um super-herói que morreu defendendo sua causa, enquanto Aristófanes é visto como um conservador ferrenho e saudosista (LOPEZ, 1999). É importante ainda salientar que o objetivo deste texto não é fazer uma diferenciação entre o Sócrates de Platão e o de Aristófanes, mas analisar a construção do cômico feita nos personagens aristofânicos, haja vista que existe uma razoável bibliografia sobre a autenticidade do Sócrates platônico produzida por estudiosos da filosofia grega antiga.

A primeira indagação sobre a construção do personagem em foco é: por que Sócrates? Um dos fatores que responde a essa questão é a conjuntura política, fator ainda hoje importante para se confeccionar personagens cômicos baseados em seres humanos reais. Hoje há uma relativa liberdade para fazê-lo, o que não acontecia décadas atrás durante a ditadura militar, por exemplo. Perseguido por Cleão, por causa da comédia *Os Cavaleiros*, Aristófanes encontrava-se em uma posição delicada, não sendo prudente mais uma investida contra o demagogo, o melhor seria mudar de alvo. Além disso, 423 a.C. é um ano de trégua, fazendo-se então necessária uma nova temática e caricaturas fora do âmbito político.

Havia vários filósofos que poderiam ser satirizados pelo comediógrafo, como Anaxágoras de Clazômena, que vivera em Atenas e até fora processado por impunidade ainda no governo de Péricles, mas este já havia morrido quando a peça foi encenada.

Havia ainda Górgias, Protágoras, Pródico, todavia esses eram estrangeiros, apareciam na cidade só de passagem. Desta forma, a escolha por Sócrates, foi feliz, pois embora o pensador contasse com a admiração de numerosos discípulos, ele não era propriamente amado pelo povo. Afinal, para se rir não se pode ter muita empatia ou comiseração, como, por exemplo, na queda de alguém. As peculiaridades e maneirismos de Sócrates eram identificados de pronto, arrancando aplausos e risadas dos espectadores. Não havia quem não o conhecesse, quem não tivesse ouvido falar de sua coragem e de suas extravagâncias, da sua mania de ficar parado, estático, horas a fio meditando. Ademais, ele devia provocar certa inveja e ressentimento pela sua força, destemor e capacidade de renunciar aos bens materiais, que representavam muito para o homem grego (ARISTOFANES, 1980).

Um problema a que a maioria dos comentadores se refere é se estaria Aristófanes confundindo ou mesclando na figura de Sócrates a de outros pensadores. Como o escopo deste texto é diferente, é proposta uma outra questão: qual vantagem Aristófanes obteria distinguindo Sócrates dos demais sofistas? Tal pergunta é fundamental quando se pensa no objetivo da comédia. Afinal, o que um escritor cômico pretende não é fazer apologia, mas sim construir o riso. Para isso, são empregados vários recursos como a degradação e o exagero. É muito mais típico do cômico rebaixar alguém a um lugar comum, estereotipando-o, do que individualizá-lo (o que, por sinal, é mais característico da tragédia). Aristófanes faz isto em várias das suas peças, como quando representa os políticos como corruptos, as mulheres como devassas, doidas por vinho e, no caso d'*As nuvens*, os filósofos como “avoados” (atualmente poderia se aplicar o epíteto *nerd*).

A comédia pode fazer a caricatura de alguém de diversas maneiras, uma delas, a mais primária, consistem em degradar o físico. Em relação a Sócrates, sua feiúra era

notória, sendo que até mesmo Platão, em vários de seus diálogos, nos mostra isso, como, por exemplo, na descrição feita por Alcibiades no *Banquete* (215 a-b), quando compara Sócrates à estátua de um sileno com uma flauta e ao sátiro Mársias. Certamente, Aristófanes explorou o aspecto físico do filósofo na construção da máscara cômica e no figurino do ator. O que surpreende, no entanto, é não haver referências de degradação física de Sócrates no corpo da peça, o que não quer dizer que o poeta não utilizasse o recurso. Ele o usa na fala do bronco Estrepsíades, quando este tenta denegrir o credor B, fazendo pilhéria da sua silhueta de barril. A única referência quanto à aparência de Sócrates é o que diz Fidípides, no verso 102-104, a Estrepsíades: Sócrates e Querofonte são chamados de amarelentos e descalços.

A fala de Fidípides mostra bem qual opinião a classe mais abastada nutria de Sócrates, um "morto de fome e maltrapilho", enquanto a opinião de Estrepsíades é a de que o pensador é estranho e esquisito, visão essa que encarna a das camadas populares. Ao contrário dos sofistas, que cobram caro por seu ensino e se vestem com luxo, o Sócrates aristofânico vive na mais completa pobreza e ensina por "qualquer prata" (v. 98). O Sócrates platônico ensina nas ruas, enquanto o Sócrates de Aristófanes ensina em um liceu que mais parece uma irmandade pitagórica. Um dos discípulos narra que era comum não terem o que comer e como o mestre agia frente a isso (vv. 176-179). O Pensatório é um lugar pobre, cheio de pulgas e percevejos que atormentavam Estrepsíades. É interessante notar que as grandes descobertas científicas do mestre, narradas pelo discípulo ao neófito Estrepsíades, estão relacionadas com esses animais repugnantes. A primeira diz respeito a como o mestre mediu o salto de uma pulga tomando como escala seu minúsculo pé, parodiando a máxima de que "o homem é a medida de todas as coisas". A segunda é uma investigação feita sobre o intestino dos

mosquitos, “uma instestigação”, há ainda mais um grande feito, não de Sócrates, mas de uma lagartixa que lhe rouba o pensamento.

Os discípulos têm uma especial reverência pelo mestre e evitam até mesmo pronunciar seu sagrado nome, chamando-o de "Aquele" (v. 195) e "Ele" (v. 219). O Sócrates d'*As nuvens* é arrogante, aceita a reverência dos discípulos e se mostra muito orgulhoso por ser querido das deusas Nuvens. Da mesma maneira que ocorre nos diálogos platônicos, o Sócrates aristofânico deixa bem patente a ignorância do interlocutor, nesse caso Estrepsíades. Depois de ouvir vários relatos sobre o mestre, Estrepsíades fica muito curioso em conhecê-lo e grita por ele. Sócrates está pendurado em um cesto, de cima chama Estrepsíades de “efêmero”, colocando-se como um deus. Ao dizer que "anda pelos ares e examina o sol", o aldeão julga Sócrates um herege que blasfema contra o deus Sol. De fato, a frase em grego é ambígua, pois o verbo *periphronêin* significa tanto “pesquisar, examinar a fundo”, quanto “desprezar, olhar de cima”; além disso, a palavra *hélios* pode referir-se tanto ao astro quanto ao deus. Como alertam os teóricos do cômico, é comum a perda, na tradução, da duplicidade de sentido, bem como de outros jogos com a língua e a cultura.

Durante todo o diálogo que irá se instaurar entre mestre e aluno são mostradas a estupidez de Estrepsíades e a abstração de Sócrates, distante da realidade e do objetivo de seu aluno. Um recurso cômico muito usado no diálogo é a concretização, por parte de Estrepsíades, dos ditos de Sócrates. Quando o mestre principia o ritual de iniciação, Estrepsíades, que confunde tudo, pensa que irá ser sacrificado. Paciente, ainda, Sócrates lhe explica que o ritual é necessário e que fará dele alguém astuto. Mais uma vez Estrepsíades estrofia o que foi dito, tomando o termo literalmente. A palavra *paipále* significa flor de farinha, mas também é usada para referir-se a alguém astuto, manhoso.

Como é usada farinha no ritual, Estrepsíades afirma que, dessa maneira, se tornaria mesmo uma flor de farinha, concretizando o uso da palavra. Com o passar do tempo, Sócrates começa a perder a paciência com Estrepsíades, o expulsa do Pensatório, deixando de lado até mesmo a compostura, xingando-o de "o mais lerdo dos velhotes".

A descrição do personagem confirma a visão platônica de um Sócrates maltrapilho, mas esnobe. É oportuno lembrar ainda que, como diz Leo Strauss (1980, p.313), o Sócrates aristofânico é "não-erótico (*anerotic*)" e "apolítico". Sabemos que a comédia não poupa "suas vítimas": Xenofanto é comparado aos centauros por ser rude e descabelado (v. 352), Simão é chamado de ladrão de bens públicos (v.350), Cleão de covarde (v. 352), Clístenes de efeminado (v. 355) e Eurípides apelidado de "filho de uma hortaliçeira". Mas não há uma crítica sobre a conduta política ou amorosa de Sócrates ou sequer um detalhe picante sobre sua vida, sendo que o comediógrafo se atém a satirizar seu método de ensino, a maiêutica, (v. 139) e suas manias.

Sócrates cede aos rogos de Estrepsíades para que Fidípides aprenda o *lógos* injusto, deixando que este assista ao embate entre os *lógoi* e decida com quem irá aprender (vv. 886-888). Sócrates parece eximir-se da educação dada a Fidípides, pois afirma que ficará afastado, nos vv. 1464-1467, contudo o jovem o considera seu professor:

Est.: (...) Então agora, queridíssimo,
vindo comigo, o imundo do Sócrates e do Querofonte
você destruirá, os quais enganaram a mim e a ti.

Fid.: Mas eu não poderia ser injusto com os mestres.

Essa questão remete a algo importante na leitura d'*As nuvens*: o que vem a ser o argumento justo e o injusto? Eles nos lembram o bem e mal, o anjo e o diabinho que sopram sugestões na mente dos personagens dos desenhos animados atuais. Os argumentos parecem vir personificados no *agón* apresentado na peça, mas se Sócrates

foi realmente o mestre de Fidípides, talvez eles sejam apenas disciplinas ou métodos que o mestre poderia empregar. Isso tem várias conseqüências, como por exemplo, que Fidípides teria recebido uma educação diferente da que Estrepsíades começou a receber no Pensatório, ou ainda, que Sócrates não seria responsável pela (má) formação de Fidípides. Trata-se de uma questão importante para o desfecho da peça, pois os finais das peças geralmente são alegres e festivos.

As nuvens nos trazem várias indagações: para nós, a punição de Sócrates parece injusta, mas como seria entendida pela platéia contemporânea de Aristófanes? De quem seria a culpa pelo mau caráter de Fidípides? De seu pai, Estrepsíades, ou da escola que entra em cena para educar e o piora o caráter do jovem? Afinal, Sócrates fez o que Estrepsíades pediu e, além disso, antes de entrar para o Pensatório, Fidípides já era inconseqüente e egoísta. Isso nos remete a uma questão muito contemporânea concernente a quem compete a educação dos jovens ou de até aonde vai a competência da escola no tangente a formação de um indivíduo.

O Pensatório, escola onde Sócrates leciona na peça, destruído e em chamas nos lembra o Ateneu, que dá título ao livro de Raul Pompéia. Apesar de tantos séculos de diferença, assim como o *Ateneu*, *As nuvens* trazem importantes reflexões sobre a educação ainda hoje em voga, bem como sobre a responsabilidade do professor e dos pais na formação do caráter dos jovens e sobre a visão crítica acerca das novas tendências pedagógicas

A comédia de Aristófanes faz mais do que simplesmente levar o espectador ao riso. Ela realiza o que o comediógrafo se propõe em suas parábases: ensinar, tornando-se um espaço para a diversão, mas também para a reflexão, onde ficção e realidade se encontram. É interessante notar ainda o fato de que Sócrates, na vida real (mais ou

menos 25 anos após *As nuvens*), tenha sua vida colocada em risco por causa do seu ensino, tal como ocorreu na comédia. É como se Aristófanes preconizasse que as atitudes do pensador, ao desnudar a ignorância alheia, não terminaria bem e renderia para o filósofo muitos problemas e inimizades.

ABSTRACT: The objective of this work is to think about the contemporary theater having as subsidy the ancient theater. For this it will be analyzed Aristophanes' construction of the two main personages in *The clouds*. The first one of them is Estrepsiades, who is the figure of a smart bumpkin. The character Socrates appears like the aerial intellectual. Aristophanes uses a standard comic construction of the characters, useful to think about the meaning of the path of comedy from antiquity to our days.

Keywords: comedy, construction, characters

REFERÊNCIAS

ARISTOPHANE. *Les Acharniens, Les cavaliers, Les Nuées*. Texte établi par Victor Coulon. Paris: Les Belles Lettres, 1948.

ARISTÓFANES. *As nuvens*. Trad. Gilda R. Starzynski. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BERGSON, Henri. *O riso*. 2 ed. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

HARRIOT, Rosemary M. *Aristophanes poet & dramatist*. The Johns Hopkins University Press, Baltimore. 1996.

JANKO, Richard. *Aristotle, Poetics I with the Tractatus Coislinianus. A hypothetical reconstruction of Poetics II. The fragments of the On poets*. Cambridge, Indianapolis: Cambridge University Press, 1987.

LIDDELL-SCOTT-JONES. *Greek-English Lexicon*. 9 ed. rev. Oxford U. P., 1996.

STRAUSS, Leo. *Socrates and Aristophanes*. Chicago and London: The University of Chicago Press. 1966.

LÓPEZ, Antonio Marino. *Las Nubes como mimesis perfecta de la relación entre nomos y physis*. *Nova Tellus*, v.17, p. 43-93, 1999. *Humanitas*, v. 39-40, p. 34-104, 1977.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora T. Bernadini e Homero F. de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.